

Aqualung

Jethro
Tull



2
años
2006
2008

Recontado por
HENRY ALFRED BUGALHO

mojo
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

AQUALUNG
HENRY ALFRED BUGALHO

uma história inspirada por
AQUALUNG
JETHRO TULL

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY HENRY ALFRED BUGALHO
PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

AQUALUNG

JETHRO TULL

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **SANDRO CASTELLI**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Aqualung
2. Cross-eyed Mary
3. Cheap day return
4. Mother goose
5. Wond'ring aloud
6. Up to me
7. My God
8. Hymn 43
9. Slipstream
10. Locomotive breath
11. Wind up

AQUALUNG

JETHRO TULL

LANÇAMENTO: **MARÇO DE 1971**
SELO: **ISLAND/REPRISE**



AQUALUNG
HENRY ALFRED BUGALHO

As pregas da saia subiam e desciam, na cadência da corda a girar.

Do outro lado da cerca, sentado na calçada, queixo apoiado nos punhos, cão sarnento a dormir ao lado, o Mendigo torcia para que uma lufada, terríveis neste inverno, viesse e erguesse a saia da menina ainda mais. Era incrível como, mesmo em dias gelados, as colegiais ainda mostravam as coxas; acima delas, calcinhas brancas, o Mendigo tinha certeza.

Frio por fora, frio por dentro. O Mendigo esfregou a manga do casaco na cara, arrancando ranho congelado. “Um chá cairia bem”, o Mendigo pensou. “Uma lareira cairia bem”, o cão pensou.

O sinal para o fim do recreio tocou e as crianças desapareceram do pátio. Apenas uma exceção: a Vesga.

O Mendigo que olhava as colegiais era observado pela Vesga, a colegial. A Vesga já havia reparado no Mendigo, ali todas as tardes, do outro lado da rua. Às vezes, ele enfiava uma mão dentro da calça. Desde o mundo encantado da Vesga — uma mansão, carro luxuoso, a melhor escola da cidade e uma gorda mesada —, a vida de um mendigo, nas ruas, era inconcebível, porém encantadora. Ela trocaria tudo para, por um único dia, deixar o castelo imaginário de seu pai e se aventurar no mundo real daquele homem.

E aquela seria a oportunidade.

O buraco na grade havia sido feito pelos meninos, quando queriam fugir do colégio e fumar nos becos da vizinhança. Poucas meninas se arriscavam a sair, geralmente de mãos dadas com um namoradinho assanhado. A Vesga se espreitou pela brecha, rasgou a blusa no arame, mas tudo deu certo. Estava livre!

Atravessou a rua com passos rápidos. Foi então que o olhar vazio do Mendigo a traspassou. O cão ameaçou latir, mas levou do dono um tapa nas fuças, resmungou e se deitou acobrunhado.

— O recreio acabou. As freiras vão te dar uma sova – o Mendigo sorriu, cheio de dentes podres. Não mentia, as freiras eram realmente terríveis.

— Que se danem as freiras — a Vesga retrucou — Está com fome?

O Mendigo fez que sim.

A Vesga revirou os bolsos e tirou um bolo de notas, amassadas:

— Podemos comprar algo pra comer.

Fazia tempo que o Mendigo não via tanto dinheiro duma só vez. Não era muito, mas era muito mais do que costumava conseguir.

— Tem mais de onde este veio — a Vesga comentou, ao constatar o brilho de ganância nos olhos do Mendigo.

— Melhor ainda — ele coçou a barba. O cachorro também se coçou, pulgas.

* * *

8 A Vesga trouxe o lanche num embrulho e um copo de chá. Não permitiram que o Mendigo entrasse na lanchonete.

Eles se sentaram num banco de praça e o Mendigo engoliu o pão com presunto numa vez só, mascava de boca aberta, migalhas saltavam pra fora.

— Onde você vai passar o Natal? — a Vesga perguntou.

— No mesmo lugar de sempre... Na rua — era o décimo terceiro ano de indigência, Jameson, o vira-lata, o acompanhava há dois.

— Tenho uma idéia! — a Vesga se levantou, animada — Você terá um Natal de rei este ano.

* * *

Dois dias depois, na data em que cristãos do mundo celebram o nascimento do Messias, a Vesga saiu cedo de casa e se encontrou com o Mendigo, que a aguardava a umas três quadras de distância.

Juntos, caminharam até um casarão:

— É aqui — a menina disse.

— São amigos seus? — o Mendigo olhava para os lados, com medo de que a polícia o visse por aquelas bandas, repleta de casas luxuosas, área de milionários.

— Sim, casa numa amiga. Estão viajando.

— Como vamos entrar se viajam?

— Eu sei onde fica uma cópia da chave — e ao dizer isto, a Vesga enfiou os dedos num vão no muro de pedra e retirou um chave, enfiou-a na fechadura e a porta se abriu.

Eles entraram num pátio e, depois, no casarão.

— Sinta-se em casa — a Vesga disse. — Os criados estão de folga.

E foi o que fizeram. A Vesga e o Mendigo comeram o que havia na despensa, nadaram na piscina aquecida, assistiram a filmes numa gigantesca TV, jogaram sinuca, o cachorro cagou por todo o lado e, por fim, na biblioteca, se sentaram para relaxar:

— Que vidão, hein? — o Mendigo bebericava um copo de uísque.

— Mas de que adianta tudo isto, se a felicidade fica do lado de fora? — a Vesga olhava pela janela. Naquele exato instante, várias famílias felizes deveriam estar comendo um peru de Natal.

— Eu seria feliz se tivesse tudo isto, o Mendigo tomou um gole de sua bebida.

— Engano seu. Não conheço homem mais triste do que meu pai. Ter dinheiro não é igual a ser feliz.

Naquela noite, o Mendigo dormiu numa cama digna de nobres e, na manhã seguinte, ele e a Vesga deixaram, de mansinho, a casa.

No ônibus para o centro, a Vesga abriu sua mochila:

— Olha só o que eu encontrei lá — e mostrou a mochila cheia de dinheiro.

— Você roubou aquela gente? — o Mendigo se exaltou — Eles vão tirar o nosso couro. A polícia vai nos pegar!

— Que nada! Eles não vão nem dar falta disto. Você não disse que, se tivesse dinheiro, seria feliz? É pra você.

* * *

O dinheiro foi bem empregado. O Mendigo comprou roupas novas, fez a barba, cortou as unhas, comprou até uma escova de dentes. Frequentaram restaurantes e foram ao parque de diversões. Ao invés da corda de varal, o cão tinha agora uma coleira de couro.

E, no fim do dia, eles dormiam numa mansão diferente, casas de amigas, em viagem, da Vesga. O dinheiro da mochila nunca diminuía, abastecida por novos espólios dos ricos.

— Você não tem de voltar pra casa? Seu pai deve estar preocupado.

— Está nada. Ele queria um filho homem. É como se eu nem existisse.

Passaram a virada do ano juntos, a bordo de um iate, os fogos-de-artifício explodindo no céu da cidade.

* * *

— Já sei onde passaremos nossa próxima noite. — a Vesga disse.

O Mendigo aceitou a sugestão e se encaminharam para outra mansão. A rotina de invadir e aproveitar se repetiu. Deitaram-se para dormir, mas, por volta de uma da manhã, a Vesga acordou, foi até o quarto onde o Mendigo dormia e o sacudiu:

— Acho que ouvi um barulho. Tem alguém lá embaixo.

O Mendigo olhou pela janela e viu um carro estacionado na frente da casa.

Foi para o corredor, havia uma luz acesa no andar térreo.

— Se esconda — ele disse. — Vou descer.

O Mendigo apanhou um taco de golfe do *closet* e desceu as escadas.

Um senhor falava ao telefone:

— Alguém entrou em casa... Está tudo revirado. Não, não sei se roubaram algo, ainda não conferi. Fique aí com as meninas. Ainda vou ligar pra polícia.

Era o dono da casa. O Mendigo avançou e deu uma tacada — sem muita força, ele insistiria depois — no cocuruto do senhor, que caiu sem vida. Ele o havia matado, não havia dúvida.

O Mendigo subiu ao primeiro andar e chamou pela menina, que apareceu assustada, trazendo o cachorro no colo.

— Junte suas tralhas e vamos embora. Deu merda!

Não havia ônibus naquela hora da madrugada, por isso, tiveram de correr. O Mendigo, que inconscientemente carregava o taco de golfe consigo, o jogou de sobre uma ponte. Depois, apanharam um táxi e foram para uma espelunca no centro, ponto de travestis e prostitutas.

— O que aconteceu? — a Vesga roía as unhas.

— Matei um homem, acho que era o dono da casa.

— Ai, meu Deus! Estamos ferrados.

A Vesga tinha razão. Agora era só esperar a polícia encontrá-los e jogá-los numa cela fétida e superlotada.

* * *

O assassinato do milionário estava na capa dos jornais do dia seguinte.

Com o dinheiro que tinham, o Mendigo e a Vesga compraram uma passagem de trem e foram para o interior.

— Tenho um amigo lá — ele dizia.

A viagem foi rápida, apenas duas horas. Chegaram numa cidadezinha pacata, alguns poucos mil habitantes. Foram direto para a Igreja.

O Mendigo, a Vesga e o cachorro adentraram a nave do local santo. Uma velha gorda se confessava, seu sussurro reverberava.

Eles aguardaram o fim da confissão, então o Mendigo foi e se ajoelhou:

— Padre, eu pequei.

Silêncio.

— Matei um homem e agora preciso dum abrigo. E sei que você, pelos velhos tempos, me acolherá.

— É você, seu pilantra?

O padre saiu do confessionário e abraçou o Mendigo. Murmurando, perguntou:

— Você matou alguém?

— Não é tão difícil, você sabe disso melhor que eu.

— Venha comigo...

O padre os encaminhou à casa paroquial.

— É preciso se arrepender do seu crime, só assim Deus o perdoará. —
o sacerdote disparou.

— Não é porque vim até você que eu acredito nesta ladainha. Deus? Que espécie de Deus é esse que permite tanta dor e desgraça no mundo?

— Eu acredito em Deus — a Vesga comentou.

— Pouco me importa... Aliás, é muito fácil pra você, morando num palácio, acreditar em Deus, bondade e justiça. Não é você quem tem de passar vinte e quatro horas por dia na merda. E uma ou duas noites na casa de ricos não mudaram minha opinião. Esse Deus de vocês é um baita dum filho da...

— Não blasfeme! — o padre interrompeu. — Não na minha casa! Se a sua vida está desse jeito é porque você fez por merecer. Eu já estive na sua posição e tudo mudou.

— Porque você se vendeu – o Mendigo tocou, simulando nojo, a batina do padre. — Se vendeu por pão, por uma casa e por uma fé vazia. Não vim aqui para ser convertido.

Nestas horas, a Vesga já estava chorando. A resposta áspera do Mendigo a havia magoado.

— Pare de chorar, menina. Acho que você está aprendendo cedo que a vida é um trem desgovernado. E quando esta porcaria de trem descarrila, saia debaixo, não tem mais volta.

O padre os alimentou e deu pouso. Na manhã do terceiro dia, bem cedo, o Mendigo e a Vesga arrumaram suas coisas, roubaram toda a prataria do padre e fugiram para a estação de trem. O Mendigo estava convencido que era hora de levar a Vesga de volta pra casa: “Se for pra me ferrar, que seja sozinho”, ele disse.

— Mas eu não quero ir. Prefiro ficar com você e com Jameson.

— Somos de mundos diferentes, menina, eu pertencço à rua e à sarjeta;

você, aos lençóis macios e ao café-da-manhã na cama.

Foi na estação de trem que eles viram o jornalista noticiando na TV:

— A polícia desconfia que o seqüestro da filha do banqueiro esteja relacionado ao assassinato do empresário, três noites atrás. Eles pedem a qualquer um que tenha informações sobre o paradeiro deste homem — e o retrato falado do Mendigo apareceu na tela —, ligue para as autoridades.

A viagem de retorno foi constrangedora, ambos preocupados demais para conversar, apenas o cachorro emitia grunhidos esporádicos, escondido dentro duma valise.

Desembarcaram e o Mendigo logo percebeu que havia algo errado. As pessoas olhavam-no com desconfiança, sussurravam entre si, e, ao longe, dois policiais caminhavam em sua direção.

— Acabou, menina... — os olhos dele e dela se encontraram, cheios de tristeza.

— Leve-me com você — ela se enrolou nos braços do Mendigo, fazendo-se de refém.

— Basta! — o Mendigo tentou se desvencilhar.

— Não, nós vamos juntos.

E o Mendigo entrou na brincadeira.

— Mais um passo e ela morre — ele gritou. Os policiais obedeceram, mas imediatamente sacaram suas pistolas.

As pessoas na estação gritaram, deitaram-se no chão, correram para longe. O Mendigo, braço na garganta da Vesga, andou vagarosamente para a porta de saída, mas outros policiais chegaram. Lá fora, os faróis das viaturas — vermelhos e azuis — piscavam.

— Largue a garota! Você está cercado, não tem por onde sair! — a frase feita, digna de filme, veio de um megafone.

O Mendigo recuou de costas, entrou num banheiro feminino e trancou a porta. Jameson se debatia no interior da valise. Soltaram-no dentro do banheiro.

— Por enquanto, eles não vão entrar – ele disse. Aparentava estar calmo, mas, interiormente, o Mendigo estava muito assustado. Desta vez, havia ido longe demais.

— Vai dar tudo certo — a Vesga tentou convencê-lo. — Você verá.

— Já está tudo errado, menina. Há um bom coração aí — ele apontou para o peito dela, — mas aqui não — e o Mendigo apontou para si. — Em mim, só há ódio.

Durante horas, os dois permaneceram sentados no chão do banheiro, ouvindo as sirenes da polícia e o negociador berrando pelo megafone.

— Está na hora de ir — ele disse. — Seu pai deve estar te esperando.

A Vesga estava tão cansada e com fome que achou melhor seguir o conselho do Mendigo.

— Mas eu volto pra te ajudar.

— Sim, eu sei disso.

Ela se levantou, deu um beijo do rosto do Mendigo, acarinhou a cabeça do cachorro, foi até a porta, destrancou-a e saiu.

Alguém gritou de fora:

— Ele soltou a refém.

Poucos segundos depois, a polícia invadiu, empunhando rifles, dispararam sem perdão.

* * *

O banqueiro abriu os braços e agarrou a filha.

— Meu Deus, quanta preocupação! Que bom que você está segura — ele disse.

Depois, a frieza usual se impôs. Ele se levantou e disse:

— O jantar será servido às oito. Suba, tome um banho e desça para a refeição.

A Vesga já havia recebido a notícia da morte do Mendigo. Todos a congratulavam por ter escapado viva da mão daquele bandido. Até interpretaram o choro dela como se fosse de alívio.

Ela obedeceu ao pai. Subiu ao seu quarto, tomou um banho e vestiu seu pijama. Ouviu, então, um latido vindo do outro lado do muro. Ela olhou pela janela, mas estava escuro e não conseguiu ver nada.

Desceu, saiu de casa e foi até a rua. Jameson estava lá, abandonando o rabo, língua pra fora e um tanto trêmulo por causa do frio.

— Como você conseguiu me encontrar, Jameson? — a Vesga o apertou contra si, e era como se prestasse uma homenagem ao Mendigo. Ela o trouxe pra dentro, deu-lhe um bife cru e o deixou deitar na cama com ela.

Mas a lembrança do Mendigo não a deixava dormir. Algo havia mudado nela, os lençóis macios já não bastavam.

* * *

O banqueiro despertou e foi até o quarto da filha. A cama estava desarrumada e vazia.

Perguntou à criadagem, mas não a haviam visto.

Por fim, foi ao escritório, e descobriu o cofre aberto. Pelo menos uns duzentos mil dólares estavam faltando. Apenas naquele instante o pai percebeu quem estava por trás de toda a confusão dos últimos dias.

Consumido pela raiva, ele urrou:

— Sua ingrata desgraçada!

* * *

A Vesga e Jameson já estavam muito longe, sacolejando num trem, rumo ao litoral.

— Tenho certeza de que seu dono teria adorado conhecer o mar. Se a vida é um trem desgovernado, como ele disse, então vamos aproveitar a viagem da melhor maneira possível.

Nova York
01/05/2008



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br